

ENCONTRO

Juventude e Igualdade

entre Mulheres e Homens

O Emprego na Indústria e Energia e a Igualdade entre Mulheres e Homens



Marinha Grande
15 de Maio de 2015

Comissão de Jovens
Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens

INTRODUÇÃO.....	3
1. EVOLUÇÃO ECONÓMICA E EMPREGO.....	3
2. EMPREGO, SALÁRIOS E CONDIÇÕES DE TRABALHO.....	6
3. A DIFERENÇA SALARIAL.....	11
4. O EMPREGO NUM SECTOR COM SIGNIFICATIVA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES (FABRICAÇÃO DE MATERIAL ELÉCTRICO).....	15
5. CONCLUSÕES.....	17

INTRODUÇÃO

A igualdade¹ constitui um valor que hoje é amplamente partilhado, reconhecido em textos fundamentais e objecto de políticas a nível nacional, internacional e comunitário. Segundo a Constituição, todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei; ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão do sexo; e constitui tarefa fundamental do Estado a promoção da igualdade entre homens e mulheres (artigos 9º e 10º).

Uma coisa, porém, é a consagração da igualdade nos textos fundamentais, outra diferente é a efectiva realização do princípio na vida do dia-a-dia e na vida do trabalho. É esta segunda dimensão (a vida do trabalho) que aqui nos importa.

A Fiequimetal representa trabalhadores num âmbito muito abrangente de actividades que vão das indústrias extractivas, à generalidade dos sectores das indústrias transformadoras e à energia. Existe efectiva igualdade no trabalho nestes sectores, ou permanecem ainda significativas barreiras que têm de ser ultrapassadas? Esta é a questão fundamental a que este trabalho procura responder, ou pelo menos fornecer elementos de resposta.

O primeiro ponto (evolução económica e emprego) centra-se na evolução económica da indústria e energia, para procurar saber se o seu peso no conjunto da economia aumentou ou diminuiu e quais os efeitos no emprego global. **Nalguns dos casos tem-se como referência as indústrias transformadoras por ser o conjunto de actividades dominante.**

Aborda-se em seguida o emprego, os salários e as condições de trabalho. As questões analisadas são a participação das mulheres nos vários sectores da indústria e energia e as diferenças na estrutura segundo o sexo em relação aos salários, aos grupos de profissões, às qualificações, à precariedade de emprego **e ao regime de duração do trabalho.**

O terceiro ponto analisa a diferença (ou discrepância) salarial entre homens e mulheres procurando saber como evoluiu e quais os principais factores que a explicam.

O quarto ponto faz **uma** abordagem **sintética** de questões da igualdade num sector onde existe uma significativa participação feminina no emprego, tendo-se escolhido a fabricação de material eléctrico. Finalmente, apresentam-se conclusões.

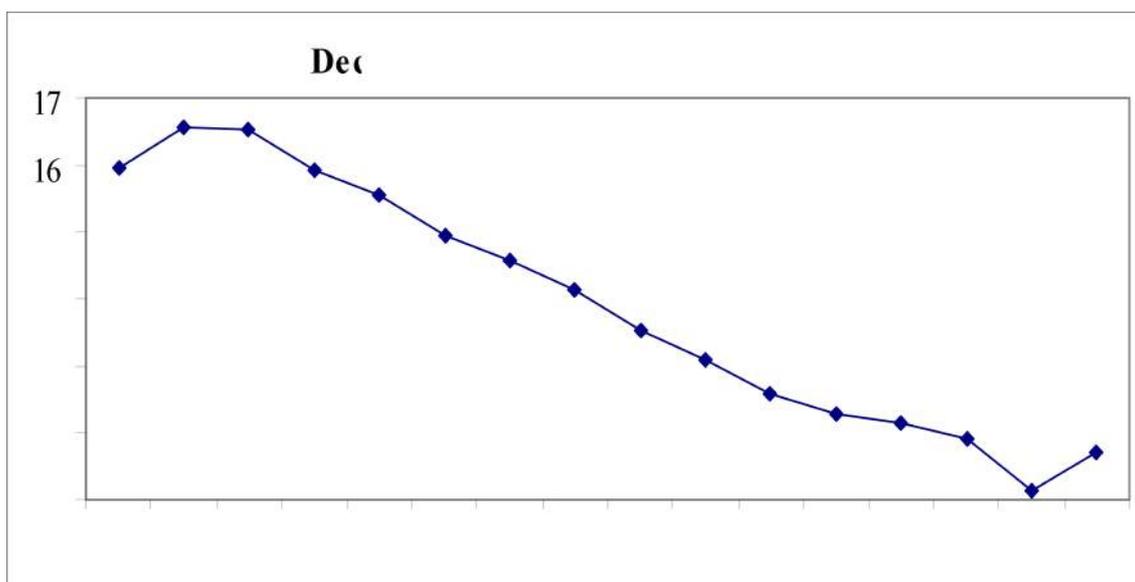
¹ O termo igualdade significa neste texto a igualdade de género.

1. EVOLUÇÃO ECONÓMICA E EMPREGO

Tendência de desindustrialização

O recuo do peso da indústria na economia portuguesa constitui um traço marcante da evolução nas últimas décadas. Uma das medidas, ainda que parcial, consiste em observar o peso das indústrias transformadoras no produto interno bruto (PIB). Vemos que desde 1998 se verifica uma erosão contínua deste indicador. Apenas em 2010 se regista uma melhoria que resulta do facto de em 2009 ter havido uma quebra mais intensa decorrente da crise económica internacional de 2008-2009. Ainda assim 2010 está numa linha de tendência de marcado declínio.

O mesmo ocorre nas indústrias extractivas: a sua participação no PIB passa de 0,6% em 1995 para 0,4% em 2010. A energia (electricidade, gás e vapor) tem uma evolução menos típica, registando-se perdas e ganhos em termos de participação relativa, mas nos anos mais recentes a energia tem vindo a reforçar o seu peso na economia (de 1,8% em meados da década passada para 2,4% em 2010).



Fonte: INE (Contas Nacionais); IT = indústrias transformadoras

Perda de 244 mil empregos entre 1999 e 2010 nas indústrias transformadoras

A este declínio industrial corresponde uma significativa perda de empregos na indústria e energia, ainda que esta não seja uniforme nos diferentes sectores.

O mais preocupante é a perda contínua de postos de trabalho desde 1998 nas indústrias transformadoras. Em 1998 as indústrias transformadoras empregavam um valor próximo de 1 milhão de pessoas² (982 mil trabalhadores) o que corresponde ao valor mais elevado do emprego no período de 1995 a 2010; depois começaram a perder empregos a um ritmo médio anual muito elevado (2,3%); em 2010, empregavam 738 mil pessoas – menos 244 mil empregos desde 1999. As crises

² Emprego equivalente a tempo completo

acentuaram as perdas de empregos: entre 2003 a 2005 o ritmo de perda anual foi de 2,9%; e foi de 5,2% no período de 2009-2010.

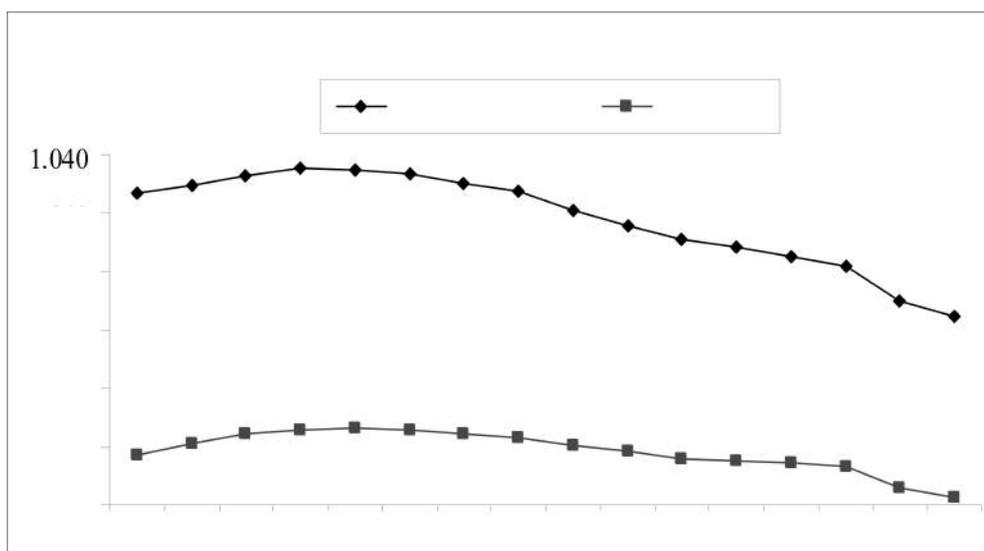
Nas indústrias extractivas constatam-se dois períodos distintos. Entre 1995 e 2002 o emprego aumenta (ao pico de 2002 corresponde 18,1 mil empregos); depois há perda de postos de trabalho (3,1 mil até 2010, pelo que o emprego era de 15 mil neste ano). No sector de energia, a evolução é menos clara, com aumentos e diminuições de emprego ao longo dos anos. A tendência global é de algum crescimento: o sector empregava 2,1 mil trabalhadores em 1995, 1,7 mil e 2,4 mil em 2010.

A redução do emprego não foi uniforme nos vários sectores

Todos os sectores perdem emprego entre 1995 e 2010 mas nalguns a diminuição é mais acentuada. A maior redução verifica-se nas indústrias têxteis, do vestuário e do calçado (-41%). Mas há outros sectores da indústria transformadora onde a quebra de emprego é também muito elevada como sejam: a fabricação de equipamentos eléctricos (-35%), a fabricação de pasta, papel e edição de publicações (-32%), a fabricação de equipamento de transporte (26%) e a fabricação de computadores, material electrónico e óptica (- 23%). A indústria com menor perda de postos de trabalho é a alimentação, bebidas e tabaco (-3%).

Como alguns dos sectores referidos não se inserem no âmbito da Fiequimetal, procedeu-se a uma separação da evolução do emprego distinguido o total (isto é, a indústria e a energia) dum conjunto chamado Fiequimetal. **Este agrupa** a indústria extractiva, a energia e parte das indústrias transformadoras, tendo sido retiradas a alimentação, bebidas e tabaco e os têxteis, vestuário e calçado. Trata-se duma aproximação e não dum cálculo rigoroso – mas o que aqui **mais importa é a** percepção de como variou o emprego nestes dois grupos e não o número exacto dos empregos que são representados pela Fiequimetal.

O gráfico seguinte ilustra a evolução do emprego nestes dois conjuntos de actividades. A diminuição do emprego na indústria e energia é mais pronunciada (-25%) mas no âmbito Fiequimetal a perda é também alta (-20%). E o que é mais preocupante é que a destruição de postos de trabalho se intensificou a partir de 2008. Apesar de não se dispor de números, não é de esperar que entretanto (ou seja no período de 2011 a 2013) tenha havido melhorias.



Fonte: INE (CN)

2. EMPREGO, SALÁRIOS E CONDIÇÕES DE TRABALHO

A participação feminina na indústria tem sido tradicionalmente baixa

A participação das mulheres na indústria é significativa, tendo oscilado entre 40% a 47% do total. No entanto, o emprego está muito concentrado em dois grandes conjuntos de actividades: o têxtil, vestuário e calçado, de longe o maioritário, e a alimentação, bebidas e tabaco, os quais representam mais de 60% do total.

Nos restantes sectores industriais, a participação das mulheres no emprego é fraca. Em termos relativos, há menos mulheres nas extractivas, o que se deve a razões históricas, uma vez que a legislação de trabalho proibiu durante muito tempo esta actividade às mulheres; hoje esta interdição não existe por se entender não ser já justificável em termos de protecção da saúde. Mas nas outras actividades, onde este condicionalismo não existiu, a taxa de emprego foi sempre baixa, com destaque para a reparação, manutenção e instalação de máquinas e equipamentos. Nas indústrias químicas, no conjunto das indústrias metalúrgicas e metalomecânicas e no papel, artes gráficas e edição de publicações a taxa de emprego não ultrapassa normalmente um terço do total. Na energia a taxa de emprego feminino é igualmente baixa.

Emprego feminino na indústria (2010)

	Total	Mulheres	Taxa (%)	Estrutura
TOTAL	594209	243287	40,9	100,0
INDÚSTRIAS EXTRACTIVAS	9855	983	10,0	0,4
INDÚSTRIAS TRANSFORMADORAS	576984	241216	41,8	99,1
Ind. Alimentação, Bebidas e Tabaco	86601	43035	49,7	17,7
Ind. Têxteis, Vestuário e Couro	153495	107554	70,1	44,2
Ind. da Madeira e da Cortiça	24565	6642	27,0	2,7
Ind. Papel, Art Gráficas e Edições	25145	7233	28,8	3,0
Fabr. coque	13737	3975	28,9	1,6
Fabr. p. farmacêuticos de base	6495	3760	57,9	1,5
Fabr. borracha e plásticos	22055	6734	30,5	2,8
Ind. Prod Minerais Não Metálicos	40577	11381	28,0	4,7
Ind. Metalúrgicas de Base	76959	13242	17,2	5,4
Ind. Eléctricas; máquinas e equipam.	45264	13816	30,5	5,7
Fabr. material de transporte	29998	9978	33,3	4,1
Fabr. mobiliário	29189	7663	26,3	3,1
Outras indústrias transformadoras	10182	4843	47,6	2,0
Reparação	12722	1360	10,7	0,6
ENERGIA	7370	1088	14,8	0,4

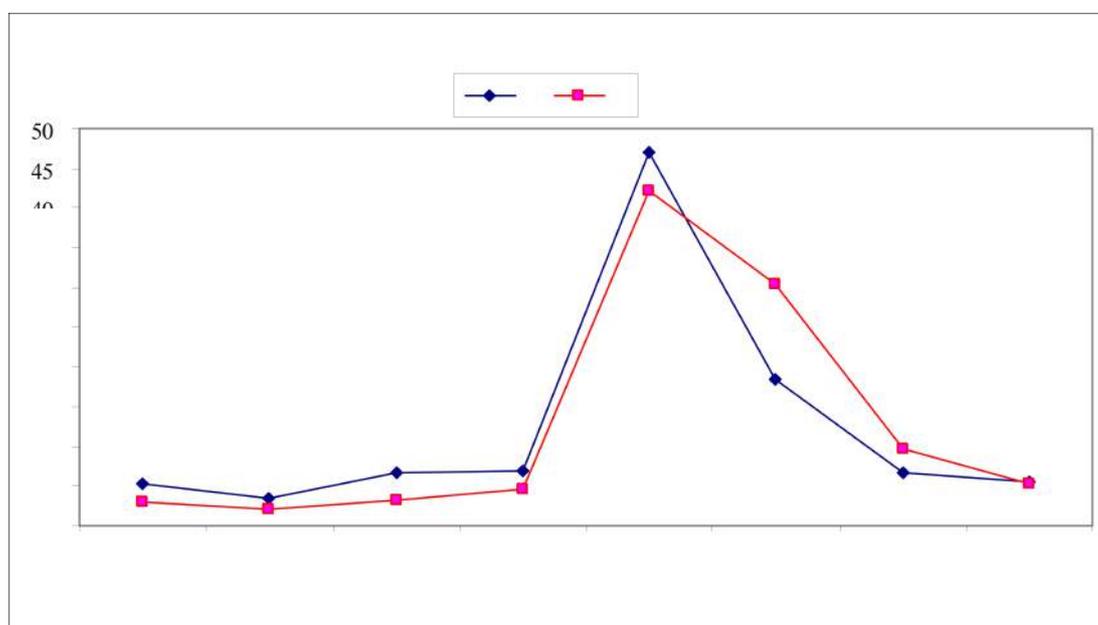
Fonte: Quadros de Pessoal

Existem, porém, exceções, que são claras quando observamos a realidade a um nível menos agregado dos dados.

É o que acontece nas indústrias eléctricas (equipamentos informáticos, eléctricos e outros) onde as mulheres representam mais de 40% do emprego total. Nalguns sectores as mulheres são maioritárias, como na fabricação de equipamentos de radiação, electromedicina e electroterapia, na fabricação de equipamentos de computadores e de equipamentos periféricos, e nos instrumentos e equipamentos ópticos e fotográficos. O emprego feminino é maioritário nas indústrias farmacêuticas.

As mulheres estão ocupadas em empregos com menores níveis de qualificação

A distribuição do emprego por níveis de qualificação (ver gráfico) mostra um mais baixo nível de qualificação nos empregos ocupados pelas mulheres na indústria relativamente aos ocupados por homens no âmbito das indústrias transformadoras.



Fonte: Quadros de Pessoal (2010)

As mulheres têm um peso inferior em todos os níveis de qualificação a que corresponde maior qualificação e/ou posições de chefia (quadros, chefias e profissionais altamente qualificados): o peso dos homens é de 22% face a 13% quanto às mulheres. A maior diferença verifica-se no nível das chefias, sendo a presença feminina inferior a metade da que corresponde aos homens: 6,6% e 3,2% respectivamente.

Nos profissionais qualificados e nos restantes níveis a presença das mulheres é maior. Se partirmos do princípio de que a menor qualificação ocorre nos níveis dos profissionais semi-qualificados e dos não qualificados observamos que o emprego feminino representa 40% face a 25% para os homens.

As mulheres estão sobre-representadas nos sectores com salários mais baixos

As mulheres estão sobre-representadas nos sectores da indústria e energia com salários mais baixos. O quadro seguinte mostra os salários na indústria e energia expressos em termos relativos. Equipara-se a 100 o ganho médio nas indústrias transformadoras e depois calcula-se a relação existente para cada uma das actividades abrangidas.

Verifica-se que os salários são mais baixos nos têxteis, vestuário e couro, no mobiliário, nas outras indústrias transformadoras e na alimentação, bebidas e tabaco. Estas indústrias representam 2/3 do emprego feminino na indústria e energia, pelo que as mulheres estão sobretudo empregadas nos sectores de mais baixos salários. Mas existem também excepções: os produtos farmacêuticos de base têm uma forte presença feminina (58%) e remunerações acima da média.

Se olharmos apenas para os sectores do âmbito da Fiequimetal a relação não é tão clara pois a presença feminina é baixa com a excepção dos produtos farmacêuticos de base. Analisaremos mais à frente um sector com presença significativa feminina (indústria de material eléctrico) para verificar se esta constatação também é verdadeira no seu âmbito.

Emprego e salários na indústria e energia (2010)

	Taxa (%)	Estrutura	Ganho IT=100
TOTAL	40,9	100,0	110,6
I. EXTRACTIVAS	10,0	0,4	114,5
I. TRANSFORMADORAS	41,8	99,1	100,0
Alimentação, bebidas e tabaco	49,7	17,7	96,2
Têxteis, vestuário e couro	70,1	44,2	70,7
Madeira e cortiça	27,0	2,7	92,4
Papel, artes gráficas e edições	28,8	3,0	123,0
Químicas	28,9	1,6	191,7
Produtos farmacêuticos de base	57,9	1,5	181,0
Borracha e plásticos	30,5	2,8	115,0
Produtos minerais não metálicos	28,0	4,7	108,9
Metalúrgicas de base	17,2	5,4	101,5
I. eléctricas; máquinas e equipam.	30,5	5,7	119,6
Material de transporte	33,3	4,1	125,5
Mobiliário	26,3	3,1	74,7
Outras indústrias transformadoras	47,6	2,0	90,8
Reparação	10,7	0,6	135,9
ENERGIA	14,8	0,4	286,6

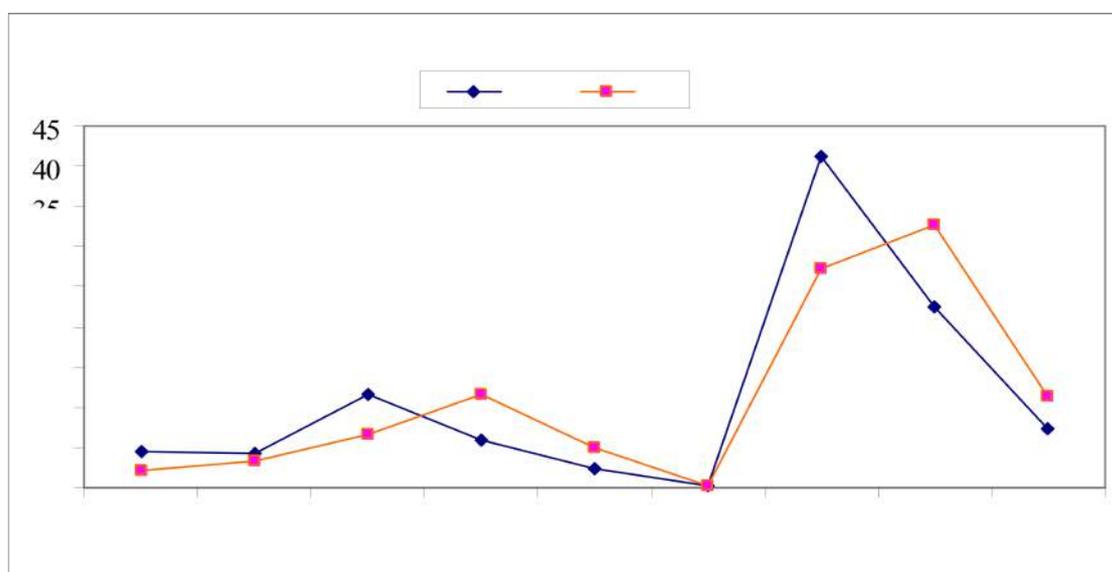
Fonte: Quadros de Pessoal

As mulheres estão sobre-representadas em três grupos de profissões: operadores, pessoal administrativo e trabalhadores não qualificados

O perfil do emprego masculino e feminino na indústria (extractiva e transformadora) não coincide.

As mulheres têm um maior peso relativo no emprego em três grupos de profissões: operadores (grupo 8), pessoal de escritório (4) e trabalhadores não qualificados (9). A maior diferença verifica-se no grupo 8 que abrange 1/3 do emprego das mulheres na indústria. Este grupo profissional abrange os operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem. É ao nível dos operadores que existe maior representatividade do emprego feminino. As diferenças são menores, mas sem deixarem de ser significativas no que respeita ao pessoal administrativo (+ 5,8 pontos percentuais (p.p.)) e aos trabalhadores não qualificados (+ 4 p.p.).

Nos restantes grupos profissionais a maior diferença verifica-se nos profissionais qualificados: os homens representam 41% do emprego face a 27% para as mulheres.



Fonte: Quadros de Pessoal

1 = dirigentes, directores...; 2 = prof. intelectuais e científicas; 3 = técnicos intermédios; 4 = administrativos; 5 = prof. serviços; 6 = prof. agrícolas; 7 = prof. indústria, construção; 8 = operadores; 9 = não qualificados.

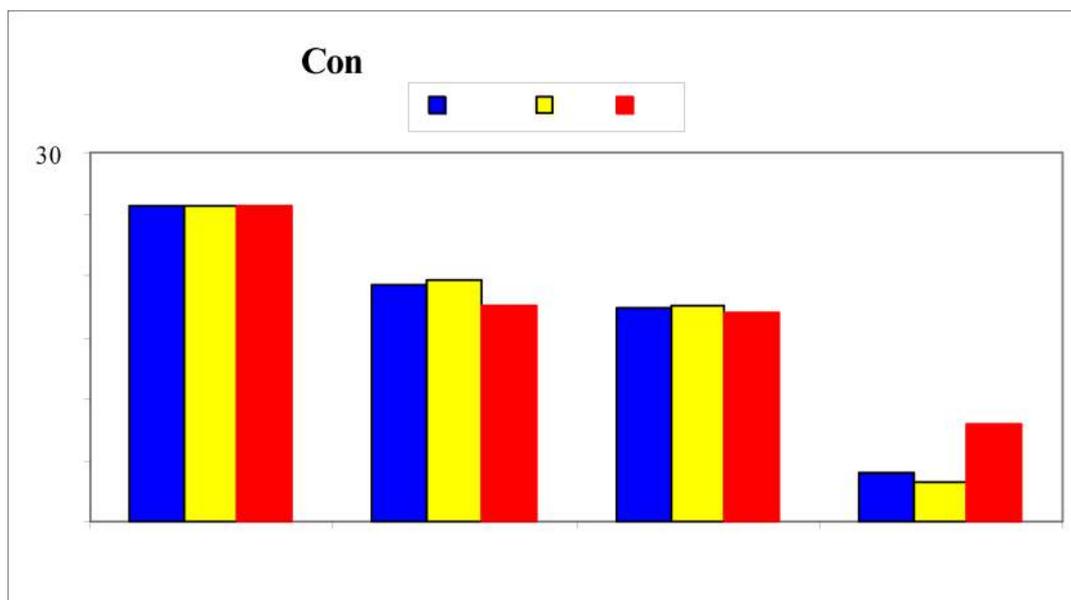
A precariedade não explica a situação mais desfavorável das mulheres no emprego da indústria e da energia

A precariedade de emprego é em Portugal muito elevada, com valores acima dos 20%. Se medirmos a precariedade pelo peso do conjunto dos contratos não permanentes³ no total de assalariados declarados nos Quadros de Pessoal, concluímos que em 2010 mais de um em cada 4 trabalhadores (25,6%) tinha um destes contratos.

3 Os contratos não permanentes abrangem diversos tipos de contratos de trabalho com termo certo ou incerto.

O peso dos contratos não permanentes nas actividades abrangidas (sobretudo nas indústrias transformadoras onde se situa o grosso dos trabalhadores representados pela Fiequimetal) é inferior à média global, com excepção da energia (electricidade, gás e vapor).

Nas indústrias transformadoras os contratos não permanentes constituem 17,3% do total.



Fonte: Quadros de Pessoal 2010

A precariedade abrange mais os homens que as mulheres, com a excepção do sector de energia (8%, ainda assim claramente abaixo da média nacional). Nas indústrias transformadoras, representam 17% (17,6% nos homens) e nas extractivas 17,6% (19,7% nos homens).

A larga maioria das mulheres trabalha a tempo completo

A incidência global do trabalho a tempo parcial (6,5%) é comparativamente reduzida em relação a muitos dos países europeus, o que em grande parte se deve ao baixo nível de salários praticado no país. Na indústria e energia é ainda mais fraca: 1% na indústria e 0,3% na energia.

A incidência do tempo parcial (TP) é baixa (%)

	Proporção dos assalariados a TP	Proporção dos homens a TP	Proporção das mulheres a TP	Parte das mulheres nos assalariados a TP
Total	6,5	3,7	9,8	69,5
Extractivas	1,0	0,6	4,9	48,0
Indústrias transformadoras	1,0	0,7	1,3	56,1
Electricidade, gás, vapor	0,3	0,2	0,8	37,5

Fonte: Quadros de Pessoal 2010

A saúde e segurança no trabalho no âmbito da Fiequimetal

Um inquérito realizado no âmbito de um estudo efectuado pela CGTP-IN (Projecto Organizar e Efectivar os Direitos para uma Vida Melhor, financiado pelo QREN) em que responderam 341 trabalhadores mostrou que:

- 60% (sobretudo mulheres) pensa que a sua saúde ou a sua segurança estão ameaçadas devido ao trabalho;
- 51,3% (sobretudo mulheres) afirma que o trabalho afecta a sua saúde de forma maioritariamente negativa;
- Dores musculares nos ombros, pescoço e/ou membros superiores (58,7%) e fadiga geral (56%) são os problemas de saúde decorrentes do exercício da função mais referida;
- Cerca de 16% (55 pessoas, sobretudo mulheres) sofre de doença profissional reconhecida.

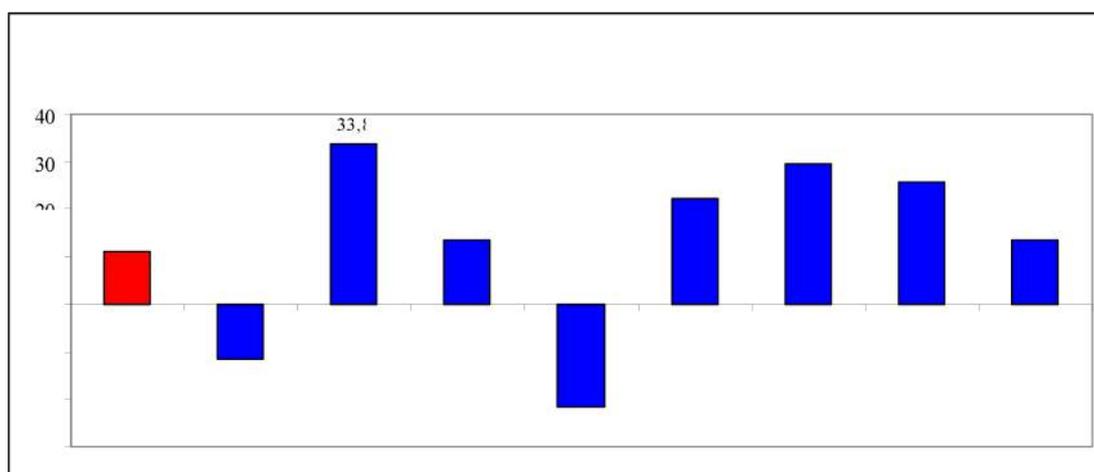
3. A DIFERENÇA SALARIAL

A diferença (ou disparidade) salarial entre homens e mulheres constitui o indicador mais importante e sensível da igualdade. As mulheres ganham menos que os homens e ainda que, em rigor, se não possa atribuir a diferença apenas à discriminação salarial no local de trabalho, a verdade é que este indicador sintetiza, num valor numérico, uma situação de objectiva desigualdade proveniente de causas diferentes. Importa pois considerar a dimensão da diferença salarial nos diferentes sectores (com relevo para o âmbito da Fiequimetal) e procurar explicar as principais causas explicativas desta diferença.

A diferença salarial é superior a 30% nas indústrias transformadoras

Nas indústrias transformadoras os homens ganhavam em 2010 mais de um terço do que as mulheres nas indústrias transformadoras. Estamos aqui perante uma medida oficial já que corresponde a um indicador calculado do mesmo modo nos diferentes países da Europa (ver caixa).

A diferença salarial é muito mais elevada nestas indústrias que no conjunto da economia: 11,1%. Verifica-se também haver situações diferenciadas num conjunto relevante de sectores. Em geral, as mulheres ganham menos que os homens com duas excepções: as indústrias extractivas e a construção e obras públicas, o que se deve ao diferente perfil do emprego segundo o sexo nestes sectores. O maior desvio salarial ocorre nas indústrias transformadoras (ou seja nas actividades que correspondem ao grosso do emprego da Fiequimetal) seguido pelo alojamento e restauração. A discrepância salarial é mais baixa (13,7%) na energia.



Fonte: GEP, Estatísticas sobre a Estrutura e a Distribuição dos Ganhos 2010

Medida e resultados da diferença salarial na UE

A diferença salarial corresponde à diferença média na remuneração horária bruta dos homens e mulheres no conjunto da economia. É utilizado desde 2006 um inquérito harmonizado de forma a ter ganhos comparáveis na UE (Estatísticas sobre a Estrutura e a Distribuição dos Ganhos). Este inquérito é realizado de quatro em quatro anos. As empresas com menos de 10 trabalhadores não são cobertas.

Trata-se pois da medida de referência oficial usada para avaliar o objectivo do fecho da diferença salarial entre homens e mulheres na Europa. É com base nesta estatística que se calcula o desvio salarial de 11,1% (total) e de 33,8% (indústrias transformadoras) em 2010. Neste trabalho nem sempre se usa esta estatística recorrendo-se também aos Quadros de Pessoal.

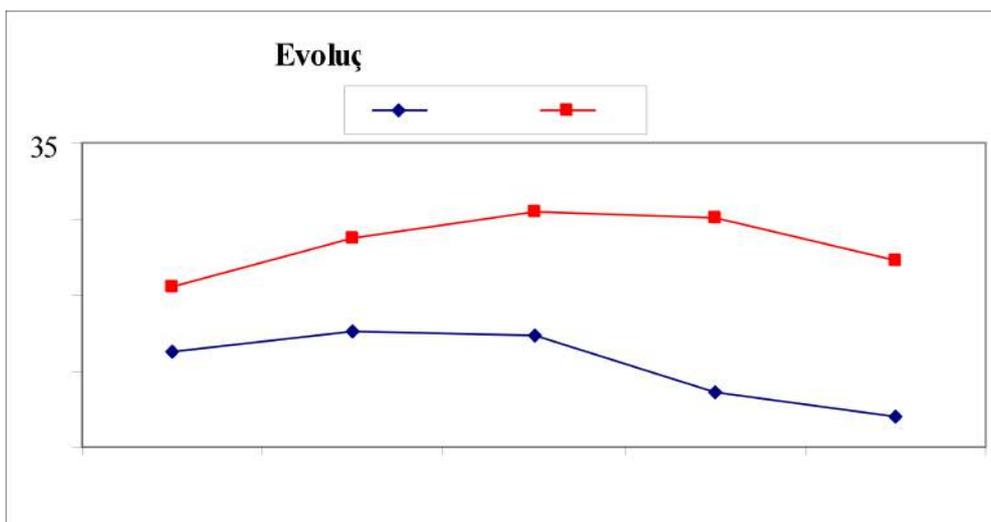
Em relação aos resultados, verifica-se que as mulheres ganhavam 16% menos que os homens na UE, sendo o valor para Portugal inferior à média comunitária. A diferença salarial tem tendência a aumentar com a idade o que estará relacionado com interrupções de carreira que são mais frequentes nas mulheres que nos homens. Verifica-se também que esta diferença é maior no sector privado que no sector público na generalidade dos países (2,4 vezes superior em Portugal). Este dado sugere que no sector privado as discriminações são muito mais fortes.

A diferença salarial mantém-se muito elevada, apesar de na década passada ter havido uma redução da diferença salarial nas indústrias transformadoras

O fecho da diferença salarial constitui um objectivo hoje aceite no plano das políticas públicas. Por isso é importante saber como evoluiu a diferença salarial ao longo do tempo para verificar se há a tendência ou não para o fecho da diferença salarial.

Para este efeito recorre-se à informação dos Quadros de Pessoal observando-se a remuneração de base média para homens e para mulheres em cinco anos: 1988, 1990, 2000, 2005 e 2010. A disparidade salarial é medida em relação ao conjunto da economia (total no gráfico) e à média das indústrias transformadoras. Ainda que os valores para as indústrias transformadoras não sejam em rigor comparáveis, devido a mudanças na Classificação das Actividades Económicas, pensa-se que não afectarão significativamente os resultados. Os valores observados respeitam à remuneração de base e não ao ganho, o que subavalia a diferença salarial pois esta é maior em termos de ganho (uma das razões na indústria resultará da menor participação das mulheres no trabalho por turnos). Mas o que aqui importa não é o valor da diferença salarial mas a sua evolução ao longo do tempo para saber como variou.

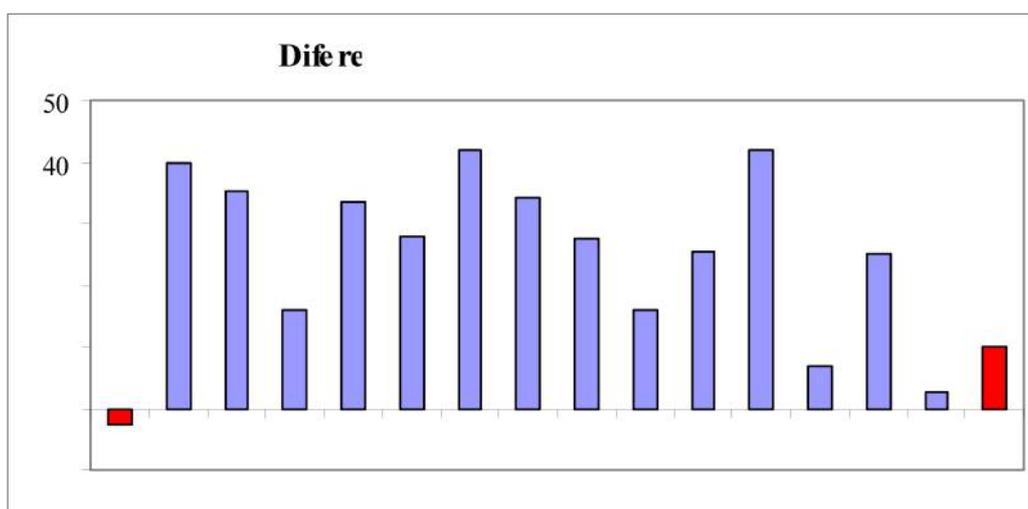
Conclui-se existir uma tendência para a diminuição da diferença salarial na década passada (nos anos 90 aconteceu o contrário) embora com valores muito altos para as indústrias transformadoras.



Fonte: Quadros de Pessoal; IT = indústrias transformadoras

A diferença salarial apresenta grandes discrepâncias nos sectores

Existem grandes discrepâncias entre os diferentes sectores. Como já se referiu as mulheres ganham mais que os homens nas extractivas e na energia a diferença salarial é menor que no conjunto das indústrias transformadoras. Quanto a estas, os sectores do âmbito da Fiequimetal onde a diferença salarial é maior são o material de transporte, a farmacêutica de base, a borracha e plásticos e o papel. É provável que se tivéssemos uma maior desagregação das actividades industriais obtivéssemos também fortes variações deste indicador ao nível dos subsectores.



Fonte: Quadros de Pessoal

Nota: 1 = extractivas; 2 = alimentação...; 3 = têxteis; 4 = madeira...; 5 = papel; 6 = químicas; 7 = farmacêutica base; 8 = borracha, plásticos; 9 = cimento, cerâmica...; 10 = metalurgia base; 11 = eléctricas e equipamentos; 12 = material transporte; 13 = mobiliário; 14 = outras transformadoras; 15 = reparação; 16 = energia.

A diferença salarial é mais elevada em termos de ganho que em termos de remuneração de base

As mulheres ganham menos que os homens nas indústrias transformadoras sobretudo quando se tem em conta o ganho (menos 30%) e não a remuneração de base (menos 27%). A razão terá sobretudo a ver com diferentes regimes de horários de trabalho.

A participação em horários por turnos e a prestação de horas extraordinárias será maior nos homens, o que explicará esta diferença.

Remunerações na indústria transformadora (euros)

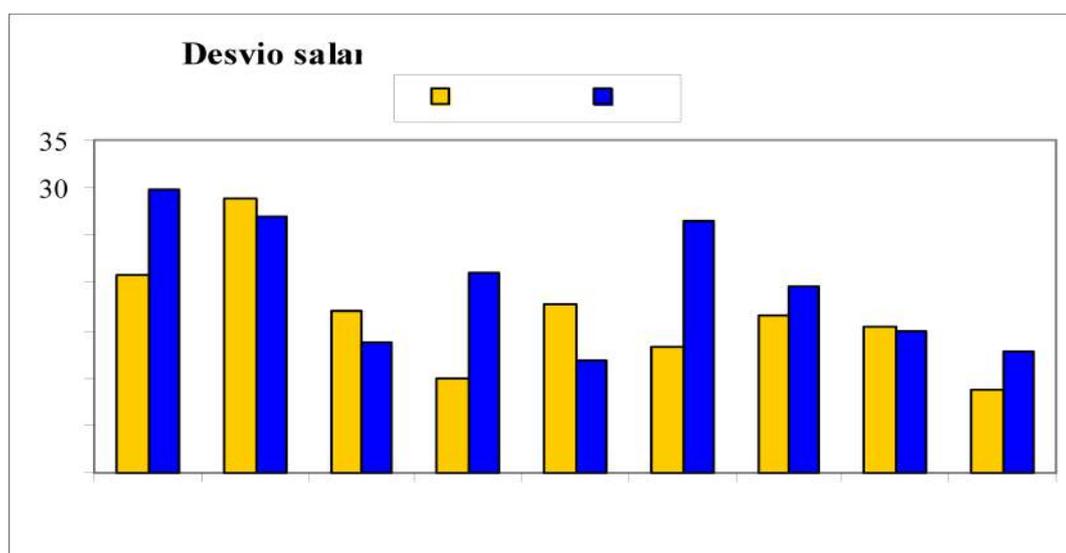
	H/M	H	M	Diferença (%)
Remuneração de base	823,51	921,49	673,90	26,9
Ganho	972,99	1103,26	774,07	29,8

Fonte: Quadros de Pessoal 2010

A diferença salarial na indústria é mais elevada nos quadros superiores, nos profissionais qualificados e nas chefias

O desvio salarial tende a ser mais elevado nos níveis de qualificação mais elevados quando observamos toda a economia: quadros (superiores e médios) e profissionais altamente qualificados. Já é mais baixo nas chefias, nos praticantes e aprendizes e nos profissionais não qualificados.

A indústria (indústrias transformadoras) apresenta especificidades. O valor mais elevado corresponde aos quadros superiores, um nível de qualificação onde as mulheres estão sub-representadas em termos de emprego.



Fonte: Quadros de Pessoal

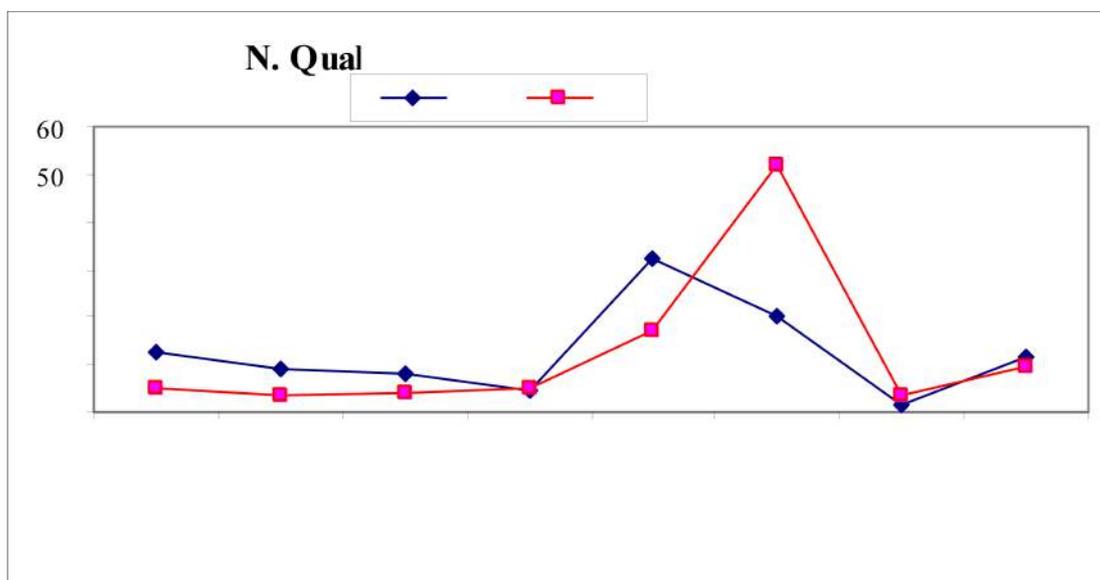
Nota: 1 = total; 2 = quadros superiores; 3 = quadros médios; 4 = encarregados e chefias; 5 = profissionais altamente qualificados; 6 = profissionais qualificados; 7 = profissionais semi-qualificados; 8 = profissionais não qualificados; 9 = praticantes e aprendizes

4. O EMPREGO NUM SECTOR COM SECTOR COM SIGNIFICATIVA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES (FABRICAÇÃO DE MATERIAL ELÉCTRICO)

Procurou analisar-se com mais pormenor o emprego num sector com significativa presença das mulheres. Escolheu-se a fabricação de material eléctrico que corresponde às actividades compreendidas nas classes 26 e 27 da CAE (Classificação das Actividades Económicas). A classe 26 corresponde aos equipamentos informáticos e outros e a 27 aos equipamentos eléctricos.

O sector emprega perto de 30 mil pessoas em 2010. A participação das mulheres no emprego era de 43% em 2007 de acordo com os dados dos Quadros de Pessoal. O nível de salários é superior ao das indústrias transformadoras no seu conjunto embora se registem grandes diferenças entre os diversos subsectores.

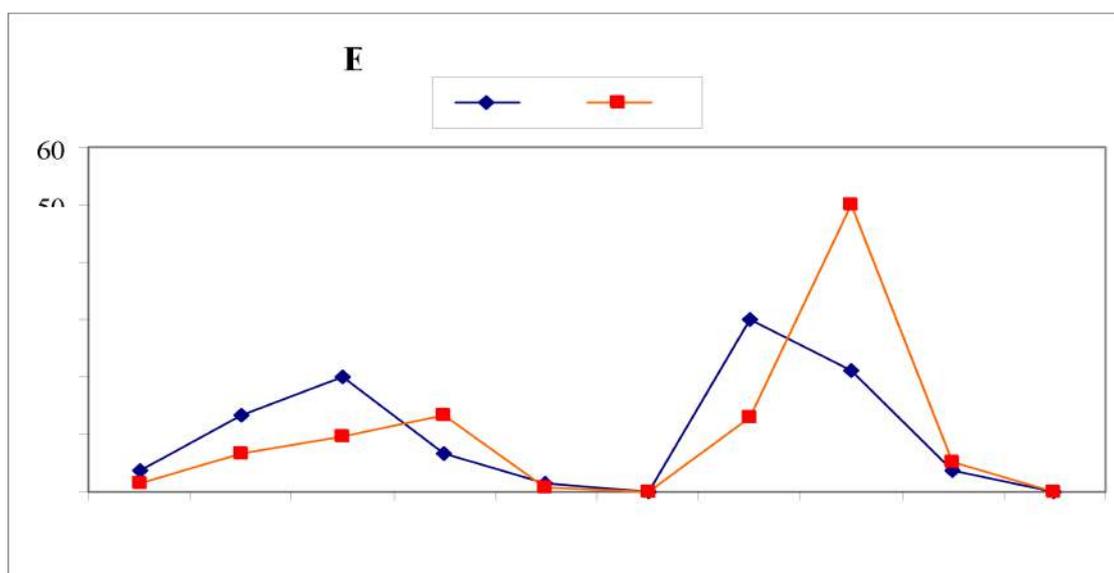
A estrutura de qualificações é muito mais enviesada que a da indústria transformadora no seu conjunto em desfavor das mulheres. A maior diferença está nas mulheres que são classificadas como semi-qualificadas já que têm um peso muito acima do verificado para os homens (ver gráfico).



Fonte: Quadros de Pessoal 2010

A repartição do emprego segundo sexo por grupos de profissões evidencia uma muito elevada segregação. As mulheres estão sobretudo empregues em dois grupos de profissões (ver gráfico):

- Ao nível das profissões directamente produtivas, as mulheres estão acantonadas no grupo 8 que corresponde aos operadores de instalações e máquinas e aos trabalhadores de montagem (50,2% do emprego total face a 21% para os homens); já no grupo das profissões industriais qualificadas (a maioria do grupo 8) as mulheres estão sub-representadas (13% face a 30% para os homens);
- Ao nível das profissões de apoio estão sobre-representadas no grupo 4 que corresponde aos profissionais administrativos.



Fonte: Quadros de Pessoal 2010

Nota: 1 = dirigentes, directores...; 2 = prof. intelectuais e científicas; 3 = técnicos intermédios; 4 = administrativos; 5 = prof. serviços; 6 = prof. agrícolas; 7 = prof. indústria, construção; 8 = operadores; 9 = não qualificados.

5. CONCLUSÕES

Embora a igualdade constitua hoje um valor amplamente partilhado, não se segue daqui que tenha realização efectiva na vida do trabalho.

A participação das mulheres na indústria é significativa, mas há uma forte concentração do emprego nos sectores têxtil, vestuário e calçado e na alimentação, bebidas e tabaco, os quais representam mais de 60% do total. Nos restantes sectores industriais, a participação das mulheres no emprego é fraca, sobretudo nas extractivas e na reparação. Mas há excepções, como nas indústrias eléctricas onde as mulheres representam cerca de metade do emprego total:

- As mulheres estão sobre-representadas nos sectores da indústria e energia com salários mais baixos, embora a relação não seja tão clara no âmbito da Fiequimetal. Não se verifica nos produtos farmacêuticos de base. Na fabricação de material eléctrico a média salarial é também superior à média das indústrias transformadoras;
- As mulheres têm um peso inferior em todos os níveis de qualificação a que corresponde maior qualificação e/ou posições de chefia (quadros, chefias e profissionais altamente qualificados): o peso dos homens é de 22% face a 13% quanto às mulheres. A maior diferença verifica-se no nível das chefias, sendo a presença feminina inferior a metade da que corresponde aos homens: 6,6% e 3,2% respectivamente;
- As mulheres estão sobre-representadas em três grupos de profissões: operadores, pessoal administrativo e trabalhadores não qualificados;
- A precariedade não explica a situação mais desfavorável das mulheres no emprego da indústria e da energia, o mesmo acontecendo com o regime de duração do trabalho pois a incidência do emprego a tempo parcial é baixa na indústria e energia;
- Nas indústrias transformadoras os homens ganhavam em 2010 mais de um terço do que as mulheres nas indústrias transformadoras. A diferença salarial mantém-se muito elevada, apesar de na década passada ter havido uma redução da diferença salarial nas indústrias transformadoras. O desvio salarial na indústria é mais elevado nos quadros superiores, nos profissionais qualificados e nas chefias. Este desvio é também maior em termos de ganhos do que em termos de remunerações de base;
- Na fabricação de material eléctrico (que corresponde a um sector com uma presença feminina significativa), os dados sugerem uma forte segregação profissional. As mulheres estão concentradas em postos de trabalho com baixo nível de qualificação. O mesmo se verifica quando se analisa a estrutura profissional: a maior concentração respeita aqui às profissões enquadrada no grupo dos operadores.

Em conclusão, os dados analisados indicam que os factores principais que explicam a posição mais desfavorável das mulheres que exercem actividade na indústria e energia no âmbito da Fiequimetal são a qualificação e a segregação profissional.